

APROPRIAÇÃO ESPACIAL, IDENTIDADE E DESLOCAMENTOS:

Experiências Calon no sertão alagoano

Space Appropriation, Identity and Displacements: Calon experiences in the backcountry of Alagoas

Leila Samira Portela de Moraes

Especialista em Antropologia (PPGA/UFAL) e
Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de
Alagoas (PPGS/UFAL). Docente Seduc/AL.

RESUMO. Este artigo tem o objetivo de relacionar como os ciganos Calon que estão “parados” no município de Carneiros, sertão do Estado de Alagoas, apropriam-se do espaço por meio das relações construídas dentro e fora da cidade. Essa apropriação possui relações estreitas com a construção do “ser Calon” e com os constantes deslocamentos realizados pela comunidade. Apresento também um panorama sobre as relações afetivas e econômicas que eles mantêm externamente (com os municípios vizinhos) e internamente (aquelas estabelecidas dentro da cidade de Carneiros), bem como as formas pelas quais se movimentam e se diferenciam da população local através de elementos como os discursos sobre nomadismo, o luto, as brigas e os negócios.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço. Deslocamentos. Identidade. Calon.

ABSTRACT. This article aims to relate how the Calon gypsies who are “stopped” in Carneiros, a city in the backcountry of Alagoas, manage to appropriate the space through the relationship built inside and outside the city. This appropriation has close relationship with the conception of “being Calon” and with the constant displacements carried out by the community. I present an overview of the affective and economic relationships they maintain externally (with neighbouring municipalities) and internally (those ones established within Carneiros), as well as the ways in which they move and differentiate themselves from the local population through elements such as speeches about nomadism, mourning, quarrels and business.

KEYWORDS: Space. Displacements. Identity. Calon.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa etnográfica realizada com ciganos que se autodenominam “Calon”¹ e que estão “parados”² há cerca de 12 anos no município de Carneiros, sertão do Estado de Alagoas, distante 246 km da capital, Maceió. O objetivo do trabalho é buscar compreender como esses Calon constroem sua identidade, diferenciando-se da população local, e como se apropriam do espaço em que vivem, mais especificamente de Carneiros e das cidades vizinhas, por meio das relações que constroem nesses referidos espaços.

Com a pretensão de fazer uma etnografia, usei como método principal a observação direta e as entrevistas semiabertas³. A observação é de grande importância numa pesquisa etnográfica, pois coloca o pesquisador em maior contato com o pesquisado e com seu cotidiano, sua realidade - que nem sempre podemos apreender através de entrevistas. Como observa Malinowski,

[...] há uma série de fenômenos de suma importância que de forma alguma podem ser registrados apenas com o auxílio de questionários ou documentos estatísticos, mas devem ser observados em sua plena realidade. A esses fenômenos podemos dar o nome de os imponderáveis da vida real. (MALINOWSKI, 1978, p. 29).

Essa relação pesquisador/pesquisado não se pretende imparcial, nem a percepção da realidade cristalizada e universal. O trabalho de campo é aceito como cercado de fatos inesperados, de surpresas, aquilo que Viveiros de Castro (2002) chama de “mundos possíveis”.

A pesquisa com ciganos nos coloca diante de importantes questões as quais devemos estar atentos. A ideia de sociedade como universo fechado, como “coisa”, e a

1 Calon é uma das etnias pelas quais os ciganos se identificam. É a etnia de maior número, estando espalhada por todo o Brasil.

2 Categoria nativa que indica o tempo em que os ciganos estão morando em Carneiros.

3 As entrevistas e relatos apresentados durante este artigo foram realizadas entre os períodos de julho de 2013 a abril de 2014, durante pesquisa de campo em Carneiros para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de especialização em Antropologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Ver: Portela de Moraes (2014).

ideia de grupo como algo definido e bem delimitado, que podemos conceituar e compreender através de nossas categorias ocidentais, são certamente os principais entraves ao entendimento dos sujeitos estudados. Como pude visualizar, um bairro no município de Penedo⁴ ou um acampamento no município de Carneiros, situados no mesmo estado, revelam redes de relações que transcendem o local onde estão “parados”.

O maior mérito dos recentes estudos sobre ciganos é aprimorar a capacidade que a Antropologia possui de afastar conceitos generalizantes e noções redutoras e simplistas, evitando que categorias ocidentais e modernas sejam transferidas para outras formas de socialidade. Conforme Fazito (2000) destaca:

[...] para compreendermos a tradição cultural cigana, necessitamos abstrair de nossas próprias categorias (conceitos e teorias) e suas lógicas redutoras, procurando inovar no sentido da interpretação, evitando as reificações constantes dos chamados ciganos em estereótipos, grupos e rótulos (como o fazem os discursos eruditos) pouco concernentes à fragmentação e à heterogeneidade características desta tradição (FAZITO, 2000, p. 118).

A ideia estática de grupo não serve para dar conta dessas redes e das constantes e complexas negociações que os Calon realizam com o Estado, com os não ciganos e com suas redes de parentes que ultrapassam os limites do Estado de Alagoas, por exemplo. Afinal, os Calon não são um grupo homogêneo. Espalham-se por todo país e apresentam mudanças no seu modo de viver. Aqueles que vivem em Carneiros/ AL, por exemplo, não mantêm contato com os Calon que estão em Penedo/AL. Assim, não podemos generalizar os resultados da pesquisa realizada em nenhuma das localidades, já que elas podem apresentar significativas mudanças.

Deste modo, minha pesquisa de campo foi realizada com uma família extensa Calon: a família de Seu Francisco, chefe e fundador do rancho em Carneiros. Seu Francisco tem no rancho seis filhos: Nodi, Batista, Gilberto, Neco, João, Guilherme e Giba. Concentrei-me durante a pesquisa nas entrevistas e convivência com ele e D. Maria, sua esposa, com Nega, que é casada com Gilberto, o filho do fundador do rancho, com Miranda, filha do irmão da Nega, com Turista casada com Batista, também filho de Seu

4 No município de Penedo existem cinco bairros fundados por ciganos: Vila Matias, Rosete, Andrade, Cacimbinhas e Vitória. Estive na Vila Matias, Vitória e Rosete e entrevistei algumas famílias.

Francisco (que desempenha um papel importante dentro e, principalmente, fora do rancho - estabelecendo certa proximidade com alguns juron⁵ da cidade) e, por fim, com Sielma, neta de Seu Francisco.

Tive bastante proximidade com essas pessoas durante a pesquisa. Os interlocutores que cito foram escolhidos pela cumplicidade que estabelecemos em campo e que, por isso, mostraram menos resistência em dividir comigo suas histórias e suas relações e conexões com pessoas da cidade ou com seus parentes. Dessa forma, apresento neste artigo, um panorama sobre as relações afetivas e espaciais que esses Calon mantêm externa, na microrregião de Santana do Ipanema e em alguns municípios do Estado da Bahia, e internamente, aquelas que os Calon estabelecem dentro da cidade de Carneiros. Apresento também as formas pelas quais se diferenciam da população local através de elementos como: os discursos sobre nomadismo, o luto, as brigas e os negócios.

RELAÇÕES ESPACIAIS E DESLOCAMENTOS NA MICRORREGIÃO DE SANTANA DO IPANEMA

Considerando que o espaço é feito de relações sociais, tentei, na medida do possível, conhecer como os Calon que estão em Carneiros se relacionam com o espaço, a partir das conexões construídas no cotidiano. Na minha estada em campo, percebi que grande parte dos deslocamentos no rancho é realizada pelos homens. Sendo assim, não pude acompanhar melhor e tive dificuldades⁶ em entrevistá-los. Tudo que relatarei a seguir são informações dadas pelas mulheres e pelas entrevistas realizadas com Seu Francisco e com Gilberto (seu filho e marido da Nega), além das situações que pude observar. As falas de Turista também foram importantes, já que ela é casada com Batista⁷,

5 Categoria nativa, modo como os Calon se referem aos não ciganos.

6 As relações no rancho possuem um forte recorte de gênero, por isso a dificuldade de aproximação com a maioria dos homens. Entrevistei dois homens: Seu Francisco (chefe do rancho) e Gilberto (seu filho e marido de Nega).

7 Batista, por sua capacidade de articulação na cidade, já é reconhecido por todos como sucessor de Seu Francisco na liderança do grupo.

o filho de Seu Francisco que, de acordo com as mulheres do rancho, conhece mais pessoas e “anda” pelas cidades vizinhas.

A família extensa Ferraz resolveu “parar” em Carneiros, conviver com as pessoas da cidade onde arrancha e das cidades vizinhas e praticar suas atividades econômicas. O mundo juron⁸ é apropriado pelos Calon. Contudo, antes dessa decisão de parar e comprar um terreno em Carneiros, eles “andaram” por vários municípios do estado de Alagoas, logo depois de sua saída da Bahia. A família de Seu Francisco arranchou há bastante tempo no município de Feira de Santana e faz parte de uma rede de parentes que abrange pousos em Salvador e Camaçari. A morte de um dos filhos de Seu Francisco foi o motivo da mudança do estado da Bahia para o Alagoas. Resolveram ir embora da Bahia “andando de animal”.

De acordo com Seu Francisco, passaram por Arapiraca e continuaram caminhando em direção ao sertão. Quando chegaram nessa região, pousaram em alguns lugares. Primeiro no município de Senador Rui Palmeira. Depois, passaram por Carneiros, Santana do Ipanema, Olho D’água das Flores e Dois Riachos - nesse último eles chegaram a passar mais de dois anos “parados”. Seu Francisco lembrou alguns detalhes de cada um desses pousos:

Andamos de animal isso tudo aqui. A gente passava, ficava um tempo num canto, um tempo no outro... Ficamos um tempo na estrada de Senador. Não era bom, não tinha água e era difícil demais de ficar ali. Depois passamos por aqui, por Tapera e Carneiros. Foi rápido demais, aqui. Paramos em Santana... A feira lá é boa, grande, dava pra fazer rolo⁹ bom, leitura, baralho, mas lá foi difícil, difícil a proteção¹⁰. Foi melhor ir embora de lá. Nós vamos na feira até hoje, mas parar lá não prestou. Fomos embora, passamos por Olho D’água e ficamos em Dois Riachos Passamos 2 anos lá, aí voltamos de novo e viemos pra cá (Seu Francisco, janeiro de 2014).

Da fala de seu Francisco podemos ver que antes de “pararem” em Carneiros, atual morada, eles tiveram mais três pousos por períodos relativamente longos. Pararam em Senador Rui Palmeira, mas a falta de água e localização (segundo Seu Francisco, na beira da estrada) fez com que fossem embora, passando por São José da Tapera e Carneiros.

8 Como os Calon de Carneiros se referem aos não ciganos.

9 Atividade econômica dos Calon que envolve negociação, venda, troca e conversa.

10 Categoria usada por esses Calon para explicar a permanência em determinada localidade.

Pararam um tempo em Santana do Ipanema. Turista me falou que até hoje eles fazem rolo na feira de lá: “Fazer rolo lá é bom, tem gente demais. Fazer rolo, ler mão, tudo lá era bom”.

Eu perguntei ao Seu Francisco e à Turista porque eles saíram da cidade, já que o rolo era tão bom e dava dinheiro. Responderam que tiveram que sair: “Melhor sair e ir para outro lugar e ir lá só para fazer negócio”. Mesmo com a “feira boa” para fazer negócios, os Calon não conseguiram “proteção” suficiente para se manterem no município de São José da Tapera. De forma estratégica, eles resolveram resguardar essa localidade como lugar de negócios.

Figura 1- Mapa da 8ª microrregião de Santana de Ipanema, que compreende os municípios de: Canapi, Ouro Branco, Maravilha, Senador Rui Palmeira, Santana do Ipanema, Carneiros, Olho d’água das Flores, Olivença e Dois Riachos.



Fonte: Blog Ouro Branco, 2009

Assim, podemos entender que os Calon fazem uma distinção dos lugares que são para fazer negócio e os lugares que são para parar. Quando falei com as Calin (como as

mulheres Calon são chamadas) sobre a leitura da sorte, disseram-me que evitavam “ler a mão e pedir nas portas” em Carneiros. De acordo com elas, fazer isso não é bom, porque podem ficar visadas e podem arranjar problemas com as pessoas da cidade.

Os homens fazem bastante rolo em Santana do Ipanema, aonde acontece uma feira grande e movimentada. Além das feiras, também é possível encontrar esses Calon em cidades do sertão próximo às instituições bancárias que existem nos centros das cidades. Dessa forma, a ideia de se retirar da cidade pode ter sido uma estratégia para proteger a atividade econômica Calon.

Em minha primeira ida a uma feira no município de São José da Tapera na companhia das Calin, ficamos por um tempo no local, depois fomos para frente do Banco do Brasil. Eu comentei que pensava que apenas circularíamos pela feira e Nega me respondeu que não, pois as feiras e os bancos localizados no centro das cidades também são utilizados por eles para fazer negócio e para a leitura da sorte: “[...] A gente anda é isso tudo e conhece esse povo tudinho, aqui, que trabalha perto, que vende coxinha, relógio, radinho. Conhece todo mundo.”

Os Calon possuem mapas mentais dos lugares em que transitam. Feiras, praças e instituições bancárias são os espaços de negócio, do rolo. Nesses locais os Calon circulam e mantêm uma atividade econômica diferenciada da exercida pelos não ciganos. Não é raro ouvirmos ciganos afirmando que possuem uma qualidade de vida superior, porque não estão submissos aos horários fixos e desgastantes de trabalho. Gilberto esclareceu-me a importância do rolo para os Calon:

Pra fazer negócio nesse pedaço... Por Santana, por Tapera, Senador, vamos também pra Dois Riachos onde a gente arranchou antes de comprar aqui. Lá também tem juron que faz rolo com a gente, mas Santana e Tapera a gente vai mais quando tem mercadoria boa pra rolo. Porque lá não esquenta canto, não. Se tem um sonzinho de carro, um celular, essas coisas, lá vende na hora. Nas feira de troca, troca, vende, por aí...
[...]

Olhe, te digo uma coisa: vida de Calon é negociar, é trocar, é vender. A gente vai vendendo, vai conversando. Se tem amizade, se tá na paz, tudo vai bem. É conversar direitinho com os brasileiros¹¹ Respeitar todo mundo, não mexer com ninguém pra não ser mexido, entende? Os polícias, tem polícia que é amigo nosso. Não tem preconceito com cigano, não. Vem pro rancho, compra

11 Mais uma forma que os Calon usam para se referir aos não ciganos.

produto, faz rolo com a gente. Tudo na paz de Jesus. Som normal, som de carro. Tem uns dias que troquei com um uma bicicleta e mais 100 por um sonzinho de carro. Já troquei a bicicleta na feira. E a gente vai vivendo, vai levando... Viu que é só respeito, não mexer pra ser mexido, entende? É fazer tudo correto. Quando a gente faz rolo com um som quebrado, tem amigo juron na feira de Tapera que conserta. Aí a gente pega, ele conserta, devolve e a gente passa para frente. (Gilberto, filho de Seu Francisco e marido da Nega, fevereiro de 2014).

As falas de Gilberto transcritas acima também revelam detalhes sobre as alianças e as redes de “amigos juron” que são construídas nesses espaços - nas feiras, nas praças, na polícia -, principalmente entre os municípios de São José da Tapera, de Santana de Ipanema, de Senador Rui Palmeira e de Dois Riachos. Nos dois primeiros municípios, as mencionadas negociações parecem ser mais intensas.

Deste modo acredito que podemos considerar que, “caminhando” eles conseguiram tecer essa rede de relações e de solidariedade. Passaram – aos olhos do não cigano que os enxerga a partir de uma perspectiva fixa como “errantes”, “à toa”, “sem rumo” – por seis cidades e conseguiram fazer alianças, criando uma rede de colaboração em, pelo menos, metade delas. Os Calon fazem rolo em Carneiros, onde se “fixaram”, mas também negociam e têm relações com pessoas em São José da Tapera, Santana de Ipanema, Dois Riachos e Senador Rui Palmeira.

É bem assim. O juron quer um sonzinho pro carro, liga pra gente e pergunta: tem um sonzinho aí, não? E tal... Quando aparece, a gente avisa que tem. Marcamos o rolo e vamos conversando até chegar a uma coisa boa pros dois, né? Nenhum quer ter prejuízo. Às vezes o rolo é aqui mesmo, mas em quase todos é a gente que vai. Marca pra se encontrar na feira e faz o rolo. Quando a gente sai pra feira, pra praça, vende rapidinho... (Gilberto, fevereiro de 2014).

Vemos que o telefone celular é importante na manutenção dessa rede e na circulação de mercadorias. Os Calon estão a todo momento em contato com essa rede que propicia o bom desenvolvimento dos rolos. De acordo com Gilberto, os Calon fazem rolo também entre si: “[...] quando chegam os parentes lá das bandas da Bahia, a gente sempre acaba fazendo rolo. Traz som, celular, rádio... Aí vão para feira também. Cigano que é cigano, vive negociando”.

Em todo o espaço que passaram, os ciganos construíram relações que os ajudaram a desenvolver seu modo de vida. Negociam e se apropriam do espaço em que estão As

relações e redes de solidariedade formadas parecem ser mais importantes do que o próprio espaço em que estão “fixados”. Essa postura os ajuda a manter sua mobilidade, seu movimento.

DESLOCAMENTOS PELOS MUNICÍPIOS DE CARNEIROS, CAMAÇARI, FEIRA DE SANTANA E SALVADOR

Para os não ciganos, o rancho é bem delimitado: existe uma área vista como cigana dentro da cidade: “No terreno em frente à Igreja e a Praça, por trás do Mercadinho Santo Antônio”, dizem os moradores não ciganos. O local onde o rancho se encontra, situado no centro da cidade de Carneiros, perto da Praça da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, é hoje um pouso onde os parentes, espalhados em ranchos no estado da Bahia, fazem constantes viagens “a passeio”, “para visita”, “para fazer rolo”.

Ouvi tanto por parte de Seu Francisco quanto por parte das Calin sobre a importância de terem comprado o terreno na cidade. Mesmo assim, é latente a possibilidade de saída a qualquer momento. A sensação que trazem as falas dos Calon é de que eles andaram por toda a região, escolheram o lugar e conseguiram “proteção”. Dessa forma, o rancho se constituiu em um lugar estratégico para fazer negócio com as cidades vizinhas e para ser um pouso de referência aos parentes.

Quando conheci Rafaela, prima da Sielma e também sobrinha da Nega, ela estava arranchando com os parentes em Carneiros fazia cinco meses. Contudo, comunicou-me que era “por pouco tempo” e que a “qualquer dia” voltariam à Bahia. Dá a impressão de que Salvador, Feira de Santana, Camaçari e Carneiros constituem um só espaço. Esses Calon construíram uma rede de solidariedade forte entre seus parentes que estabelecem uma comunicação constante através dos deslocamentos, mas também por telefone e pelas notícias e fofocas entre os pousos.

Cada vez que parentes chegam, trazem notícias dos familiares. Na maioria das vezes, são essas notícias que fazem com que outros parentes se desloquem para ajudar e resolver problemas familiares. As notícias são recebidas com gritaria, choro e alvoroço e

no dia seguinte partem para “ver de perto” o que está acontecendo. Em uma das minhas visitas ao rancho, Nega contou que estava preocupada esperando um telefonema, pois sua irmã foi para a Bahia com o marido e os sobrinhos para buscar sua filha que estava sendo “judiada” pelo marido: “Se chegar lá e for verdade, ela volta aqui para ficar com a gente”.

As brigas entre parentes também são motivos para deslocamentos. Um simples telefonema sobre uma briga entre familiares causa o imediato deslocamento de uma família nuclear para defender ou para repreender o responsável pela discórdia. Desses movimentos, são trazidas mais e mais notícias que os fazem ligar uns para os outros para saber se o que foi contado é verdade. Tais deslocamentos demonstram-se movidos por essa rede de solidariedade entre parentes. Isso aumenta a sensação de pertencimento e a construção de um espaço que parece não ter fronteiras fixas ou predeterminadas, dando a impressão de que, para os Calon, Feira de Santana, Salvador, Camaçari e Carneiros são um só espaço.

OS CALON NA CIDADE DE CARNEIROS

Em Carneiros, os Calon evitam práticas, por exemplo, pedir dinheiro na rua e realizar a leitura da sorte, como já destacado anteriormente. Porém, o rolo ocorre normalmente, tanto fora quanto dentro do rancho. Eles mantêm ótimas relações com o prefeito e com alguns empresários locais. Todos esses “juron amigos” visitam o rancho em dias de festa: “O prefeito vem pra cá, come, bebe cachaça com nós, conversa, dança”, conta Nega.

Também cultivam relações de amizade com líderes religiosos da cidade, como o padre e alguns pastores de igrejas evangélicas.

Tive a oportunidade de ir ao maior supermercado da cidade, fazer compras para a barraca de Nega. Foram conosco Sielma, Mirele e o menino Darlan. Naquela ocasião, Nega me falou que “O dono desse mercado é muito nosso amigo”. Foi então que conheci Abadias. Disse-me que ficou amigo dos ciganos desde o tempo em que chegaram à cidade. Contou-me que ia frequentemente ao rancho e já foi padrinho de um casamento

Calon. Outro comerciante da localidade que tem amizade direta com os ciganos e também frequenta o rancho é Seu Antônio, dono de um comércio de aves para abate na cidade. Os ciganos tanto compram do comerciante, quanto vendem a ele as galinhas que são criadas no rancho. Nega revelou-me como são negociadas as galinhas criadas no acampamento:

As galinhas boas, de capoeira, daqui a gente entrega logo a ele. Ele abate lá, mesmo. O dinheiro é negociado lá na hora, quando as galinhas são levadas. Antes, a gente vendia na feira aqui. Só que a amizade com ele ficou melhor. É só levar as galinhas pra lá e ele vai vendendo...” (Nega, novembro de 2013).

Existe amizade com outros comerciantes, como por exemplo, o vendedor de DVDs e a costureira da cidade, responsável pela confecção dos vestidos para as festas de casamento no rancho. Todos frequentam os casamentos, as festas de aniversários e os batizados a convite dos Calon. Vemos que o “juron”, mesmo visto como “o outro”, integra várias relações comerciais, econômicas e afetivas dos Calon. Faz-se rolo com juron e ele está no rancho sendo padrinho de casamento, comendo e bebendo. Os Calon se constroem em meio a um mundo habitado por não ciganos. Fazem um uso próprio das estradas, do comércio, das praças e das feiras. Em relação a isso, Ferrari (2010) fala sobre um mundo dado (mundo gadje) e um mundo construído (o mundo calon):

[...] o mundo dado é o ambiente gadje, de onde os calon extraem seus “recursos”. Os calon se servem das redes de água e esgoto, e das instalações elétricas, pagando ou “fazendo gatos”. A “primeira língua” aquela que será a base para a introdução do repertório lexical chibi, é a língua portuguesa, dada pelo gadje. A comida é brasileira, mas não se come como os brasileiros. Os nomes oficiais são tipicamente brasileiros, mas sobre estes atuam os apelidos. A música é sertaneja local, mas não se escuta “som” como os brasileiros [...] As estradas, as cidades, as ruas em que circulam, o terreno para acampar, o mundo em que vivem é pensado como um mundo gadje dado, a partir do qual se cria um mundo calon (FERRARI, 2010, p. 299).

Quando perguntava sobre a cidade, os Calon nunca mencionavam o acampamento, sempre falavam na feira, no centro e nas praças. São desses lugares que os Calon sobrevivem, se fazem Calon no mundo juron e, a partir deles, se diferenciam e mantêm seus movimentos. Ao perguntar ao Gilberto sobre a cidade de Santana do Ipanema, que visita com frequência, falou da praça onde fazem rolo, do celular que trocou com o juron, dos melhores dias de feira, da estrada, da polícia, dos comerciantes, o melhor

local para as mulheres lerem a sorte, os rolos realizados em frente ao Banco do Brasil, entre outros fatos. As referências da cidade são a partir dos usos que fazem dos lugares.

POR QUE OS CALON SE DESLOCAM? “NOMADISMO”, LUTO, VERGONHA, BRIGAS E RELAÇÕES FAMILIARES

A noção de “nomadismo”¹² não pode ser vista como definidora de uma “identidade” Calon. Com efeito, a pesquisa de campo mostra que os ciganos estabelecem outros tipos de fronteiras culturais que os diferenciam dos não ciganos, apesar de os discursos sobre nomadismo estarem presentes em suas falas. Durante todo o trabalho, tentei fugir dessas noções simplistas e fixas de identidade que não dão conta da complexidade das relações sociais. Ou seja, noções que cristalizam e naturalizam essas relações e, muitas vezes, caem na dicotomia nômade/sedentário, impondo uma visão de mundo do pesquisador e ignorando o que é sentido e o vivido dos nativos. Ferrari explica:

Do ponto de vista do gadje, as caravanas passam, os acampamentos aparecem e desaparecem; em relação a eles, os ciganos se movem [...] Nessa concepção, se o cigano se move, ele é “nômade”, se ele se fixa, se “sedentarizou” e está perdendo sua tradição. Mas será essa a melhor maneira de descrever a relação do cigano com a terra?” (FERRARI, 2010, p. 260).

Insistir na dicotomia - se viajando é “nômade”, se está parado é “sedentário” - pouco nos esclarece sobre a visão de mundo dos ciganos em relação ao espaço que ocupam, pois essa dicotomia só tem lógica nos olhos dos não ciganos. É justamente esse sentido que tentei apreender das falas dos Calon. Aqui evito impor qualquer noção de nomadismo numa perspectiva não cigana. Procuo apreender o que o cigano quer dizer quando nos fala que é “nômade”, que é “livre”. A ideia de “nomadismo”, para os Calon, vai além da nossa dicotomia simplista que consiste em “sedentário/nômade”, “parado/em

12 Uso com receio o termo “nomadismo”, pois a “cosmologia cigana” pode ser reduzida e simplificada ao adotarmos essa categoria ocidental. Será que sua forma de ver o mundo é “nômade” ou somente uma concepção de espaço e tempo diferentes da nossa? (como alerta Ferrari, 2010). Quando falamos em nomadismo, imaginamos uma vida “livre”, “errante”, isso faz com que não sejam analisados especificamente os motivos desses deslocamentos, ou seja, o que acontece na “vida cigana” que faz com que eles “abandonem” determinado lugar para “cair no mundo”.

movimento” ou “ter endereço fixo/viver viajando”. O comentário de Turista é revelador nesse sentido, ao falar sobre o desejo de verem suas casas construídas:

Quem disse que uma casa foi feita pra prender? Casa é casa, cadeia é cadeia. [...] O juron é preso na casa, preso nas coisas. O cigano não, é livre. A gente fica onde tá contente, onde tá a família. Se estamos juntos, tá bom, se acontece coisa ruim e não dá pra um, não dá pra nenhum (Turista, janeiro de 2014).

A “vida livre” falada pela Calin se materializa na proximidade e no fortalecimento dos laços e afetos familiares. Não existe Calon “sozinho”. O lugar, o espaço social, a casa, só existem se o Calon estiver junto com a família. Até uma família nuclear pode perceber-se “sozinha”, dado que é a relação com os outros parentes, a vivência cotidiana com a família, que os faz ser Calon. Em Carneiros é comum a alusão ao tempo de “andar de animal”, “à vida livre”; “com saúde”, à viagem. Assim como a alusão à aversão, pelo menos no discurso, aos lugares fechados¹³, às roupas e aos calçados fechados. Como se sua “identidade” cigana fosse constituída pelo movimento, pelo deslocamento.

A sensação de “estar indo” é latente. O “cigano” se vê na mobilidade, no deslocamento, no ir e vir: “[...] cigano não nasceu pra tá preso, é livre, sempre foi assim. Vem de ordem¹⁴. A gente tá aqui? Se precisar, arrumo as coisas e vai simhora” (Nega, janeiro de 2014). Então, em Carneiros, mesmo pleiteando a construção de suas casas, os ciganos não veem o lugar como algo permanente, dado que depende das relações, alianças, afetos e situações nele construídas. Sem a família, o lugar não existe. E, se assim for, eles se veem inclinados a abandonar o local.

No rancho em Carneiros, percebi que o luto também nos diz muito sobre a relação do cigano com o espaço. Com a morte de um cigano, todos os seus pertences são

13 Apesar da discursiva aversão à lugares fechados, os calon em Carneiros estão reivindicando a construção de suas casas.

14 A “ordem” ou “ordem de andar” é uma referência comum nos discursos dos Calon idosos. A ordem de andar pode significar imprevistos existentes na vida Calon que os fazem partir de um lugar para outro. Esses acontecimentos ou imprevistos são narrados como consequência de uma narrativa mística sobre a relação dos ciganos com Jesus Cristo e sua mãe a Virgem Maria. De acordo com Seu Francisco, a “errância” da vida cigana é fruto de uma “praga” rogada pela Virgem Maria enquanto era abrigada junto com Jesus e José em um acampamento cigano.

queimados¹⁵ (roupas, fotos, cobertores, sapatos, barraca, etc.) e, na maioria das vezes, sua família tem que deixar a casa ou ir embora da localidade, mesmo que voltem ao local alguns anos depois. O luto é marcado por um período de tristeza que pode durar de três meses a um ano, ou toda a vida, dependendo do nível de parentesco¹⁶. Nesse período, a família não ouve música, não faz festa, não casa e evita algum tipo de comida que lembre o morto. O luto ultrapassa, algumas vezes, a família nuclear, se estendendo aos demais parentes. Aquele que arrancha com uma família que está em luto deve respeitar e evitar as práticas descritas acima.

Também tive dificuldades de encontrar algum Calon que me falasse sobre o que acontece quando alguém morre no rancho. O pouco que eu consegui de informações sobre como funciona o enterro, o velório, o luto no rancho foi com os jovens e as crianças. Os adultos evitam falar, justificam sua relutância dizendo que pode “trazer coisa ruim”, “[...] é ruim, não é bom falar”. Contudo, uma informação me chamou muito atenção: em nenhuma entrevista Seu Francisco falou do filho morto e, em relação a isso, sua fala sobre a Bahia pode ser reveladora de uma relação Calon com o espaço:

Foi dada a ordem de andar... Simbora da Bahia, andando por meio dos outros sertões. Chegamos aqui, passamos, voltamos e paramos aqui de novo. Chegou a ordem de parar. Nunca mais voltei pra Bahia. Não ando mais por aquelas bandas. (Seu Francisco, janeiro de 2014).

Apesar do fluxo grande de parentes de Alagoas para Salvador e vice-versa, notei que Seu Francisco, D. Maria e seus filhos que moram no rancho não viajam para Bahia. Perguntei à Turista sobre as viagens de seu marido Batista e ela me respondeu: “[...] ele anda por aqui mesmo, não vai mais pra Bahia”. Comentei que via muita gente no rancho indo e vindo da Bahia e ela disse: “[...] os parentes vêm para cá, outros parentes andam para lá. É assim mesmo. Mas a gente não vai” (Turista, dezembro de 2013).

Sielma me falou que depois dessa morte, eles saíram da Bahia e não voltaram mais. Resolveram parar em Carneiros, criaram um pouso forte, atraindo grande número de parentes que resolveram arranchar com eles. No mais, ela foi a única pessoa que se

15 Pude perceber que esse costume no rancho é relativizado de acordo com a importância e influência do Calon falecido.

16 A Calin viúva, por exemplo, deve seguir a “lei” de permanecer no luto, não se casando novamente.

dispôs a falar sobre o fato. Gostaria de ter conseguido mais informações, mas Sielma era muito criança quando isso aconteceu. Pelo que pude perceber, esse “impedimento” (ou escolha) não se estende a todos os parentes. Conheci netos de Seu Francisco que afirmam ter ido à Bahia visitar parentes, escolher noiva, fazer rolo, entre outras ações. No mais, essa é uma informação que precisa ser melhor pesquisada.

A morte de uma pessoa pode significar um momento de andanças para o grupo que abandona o local e procura outro pouso, como parece ter sido a história dos Ferraz. Relacionado a isso, Ferrari (2010) defende que as concepções de tempo e espaço não podem ser pensadas separadamente e apresenta etnograficamente como essas duas concepções se inter-relacionam. De acordo com ela, duas ideias Calon de tempo-espaço ganham expressividade em campos que se interconectam: a relação com os mortos e a viagem. Diz Ferrari,

As implicações dessa escatologia são evidentes: o limite de uma vida impõe o limite de um espaço vivido. A morte de uma pessoa instaura um corte espaço-temporal. É preciso criar um vazio, apagando todos os sinais que lembrem o morto. E, todavia, o morto permanece na ausência. A memória constante daqueles que se foram se expressa na recusa mesma dessa rememoração. Ao se evitar guardar objetos, fotos ou passar por lugares em que viveram com eles. Concretamente, está-se cercado de lugares que é preciso evitar. Essa dinâmica produz, ao longo do tempo, uma região densa, feita de espaços vividos no passado, espaços evitados, espaços em uso atual e espaços potenciais que são aqueles que não entraram nos mapas mentais desses calon. Ideias de tempo, passado e morte tem consequências diretas sobre a de espaço. “O espaço cheio de recordações” é um espaço da memória das relações pessoais (FERRARI, 2010, p. 257).

Não tenho dados para ir além de suposições sobre o “impedimento” (de Seu Francisco e seus filhos) de viajar para a Bahia. As poucas entrevistas que consegui em relação ao ocorrido me fazem levantar a hipótese de que a morte do filho de Seu Francisco significou um corte na relação dessa família com o referido espaço. Assim, concordo com Ferrari quando diz que “[...] a morte de um parente marca o limite de um ciclo espaço-temporal” (FERRARI, 2010, p. 246).

Apesar de ter “parado” de andar, Seu Francisco mantém em seu discurso a mobilidade cigana como um fato sujeito a acontecer a qualquer momento. O cigano “anda”, não “para num canto só”, “se vier a ordem, a gente segue e ganha o mundo”,

“quando um cigano para, ele adocece”. Outra hipótese de largar o rancho, a “ordem de andar”, que encontrei durante as entrevistas foi “a gente tem que procurar nossa paz, né? Se ali tem inimizade, num chega nem perto. Se tem cigano diferente¹⁷, também não. Cada um com cada um”, disse Nega. Dessa forma, compartilho com Ferrari (2010) a ideia de que

O parar/morar não significa fixação, o viajar/andar tampouco significa “errância”, o movimento, sendo absoluto, não se define em relação ao espaço físico, o território, mas sim a rede afetiva de relacionalidade – parentes, inimigos, estranhos, gadjes (FERRARI, 2010, p. 273).

Seu Francisco explicou sua relação com o espaço do rancho, o lugar onde estão “arranchados”.

[...] Aqui é um pouso. Nós juntamos e compramos. É nosso, mas não estamos presos aqui. Aqui nós arrancha, recebe a família. Um cuida do outro, como Jesus e Maria ensina para os ciganos E aqui tem liberdade, tem sim. Cigano é livre, entende? Entende não, né? Deixa eu dizer, é assim, um passarinho... Um passarinho... ele é livre, não é? Mas ainda assim ele tem um pouso? É a mesma coisa de nós. (Seu Francisco, janeiro de 2014).

Entre os Calon de Carneiros, o rancho não é pensado como algo fixo: “[...] Se não tá bom mais aqui, a gente sai pro meio do mundo. Vem os outros e fica no lugar”. (Seu Francisco, Janeiro de 2014). Nodi, um dos filhos de Seu Francisco, revelou em uma discussão durante o I Encontro Alagoano Cigano¹⁸ - no momento em que era discutida a postura dos políticos com os costumes ciganos -, um desejo relacionado aos espaços de pouso.

Brasileiro é nação ruim, desunida. Só quer pra ele, não divide. O povo que tem poder só pensa nele. Devia ter pouso de cigano, ser mais fácil ajeitar um terreno pra arranjar pouso. Pede a um, pede a outro... É agonia pra achar, pra deixarem ficar. Vem prefeitura, vem polícia, vem morador pra botar banca. Eles não pensam: o cigano anda, precisa de pouso. Não tem terreno pra pouso. Se nós quer sair pra andar, não consegue pouso, não. A prefeitura não liga, a gente chega, pede pra ficar no pouso... Não pensa na melhoria do cigano. Nós também devia ter esse direito, é gente. (Nodi, agosto de 2013).

17 Em conversas sobre os ciganos que moram em Penedo, Nega usou esse mesmo termo “cigano diferente”, quando eu questioneei o que seria essa diferença, ela me fala: “eles são sergipanos... tudo bem de vida, milionário, vive tudo em apartamento, tudo fechado”. Nega disse que nunca teve contato com eles “só na Bahia com família nossa...”.

18 Até agora, o único evento que teve participação dos homens Calon de Carneiros.

Os Calon afirmam que gostam de “andar”. Andam para visitar parentes, para conseguir dinheiro, para fazer negócio e, na maioria das vezes, viajam somente homens. Porém, em algumas situações a família inteira precisa ir e encontra problemas em ser aceita na cidade, em arrumar pouso para “arranchar” pelo tempo que quiser. Há uma carência de políticas públicas que atendam essa demanda cigana, afinal, a mobilidade cigana sempre foi vista como um problema pelas autoridades, um problema para a construção de uma “civilização”.

De acordo com Seu Francisco, eles não conseguem ficar parados. A mobilidade é importante no discurso cigano, pois é sinal de saúde. Também demarca uma forma de “ser cigano” em oposição ao juron:

[...] O ar de um setor só, de um lugar só, adoce o cigano. O cigano não consegue viver assim. Desde que mundo é mundo tentaram prender o cigano, botar o cigano numa gaiola, preso. Só que preso vive o juron. É difícil essa gente da capital ter saúde. Vive fechado, sozinho. Aí tem que sair. Vai pra floresta, pro sertão, vê o mundo... Aí a doença para, mas depois volta porque vive naquele ar, fechado. O cigano, não. Se a gente quer, a gente fica. Se não quer, vai” (Seu Francisco, dezembro de 2013).

Ele afirma que “[...] andar já vem de ordem. Ninguém sabe quando é... Aí nós estamos cumprindo. Quando o cigano para ele adoce. Chega num lugar: saíi vai embora! Aí vai para outro melhorzinho e passa um tempo” (Seu Francisco, dezembro de 2013). De acordo com o chefe do rancho, em Carneiros eles conseguiram “proteção”, e, por isso, puderam comprar o terreno. Ninguém na época se opôs, apesar de as pessoas na cidade possuírem bastante preconceito, as amizades de proteção que eles fizeram os ajudaram muito a negociar essa compra. Pelas condições que encontraram em Carneiros, principalmente com o apoio de uma tradicional família de políticos da região, disseram que “[...] nessa época nós conseguimos fazer os documentos. Depois veio o Bolsa Família. Estava difícil demais viver seco de sede”, lembrou Lilian (janeiro de 2014).

Com esse “acolhimento” que encontraram em Carneiros, eles tomaram a decisão de “parar” na cidade e construir o pouso:

Parar por uns tempos... Nós andamos de animal isso aqui tudo, ficamos um tempo num canto, outro tempo em outro, em cidade aqui perto. Já te falei, né?

Aquí pudemos comprar o terreno, nos outros lugares não. E viemos para cá... A gente precisava de um pouso pra família, pras criança, pros parente” (Seu Francisco, janeiro de 2014).

A mobilidade é intimamente ligada às relações familiares. Se a família, na pessoa do chefe, decide parar ou se deslocar, todos o acompanham, uma vez que, “ser Calon” só faz sentido se inserido nessa rede de relações. Conversando com as mulheres no rancho, algumas me revelaram que gostavam do tempo de “andar de animal”, de “caminhar”, “[...] caminhando era mais divertido, ninguém adoecia. Tinha mais saúde, mais alegria. Estava bom num canto, se ficava ruim, era só ir embora, mas os homens quiseram parar... Mas hoje tem mais sossego”, falou Lilian¹⁹. Infere-se dessa colocação uma visão contraditória do período citado, uma vez que, ao mesmo tempo em que é lembrado como algo positivo em que “ninguém adoecia”, é reconhecido também como um período de “mais sossego”: “[...] antes era uma vida mais alegre, correndo aventura. Pensa que tinha esse negócio de médica, de exame? Levava sol, sereno e não ficava mole, tinha mais saúde. Agora cigano vive doente aqui, doente ali, nervoso, antes não tinha isso” (Meire, dezembro de 2013).

Os discursos em torno do período de “andar de animal” são mesmo contraditórios e mistos. Uns relatam um período “bom”, “mais alegre”, e outros a “vida sofrida”, “difícil”, “o sol, a chuva”. Outros guardam na memória os dois aspectos, variando também de acordo com a idade das pessoas entrevistadas. Afirmam que agora a vida parada “tá melhor”, “mais sossegada”, “tem mais coisa dentro de casa”, “não tá passando fome, sede, frio”. Também dizem que antes era “sofrida”, “difícil demais”, mas, ao mesmo tempo, dizem que essa vida era “mais divertida”, “tinha mais aventura”, “tempo bom”, “a gente andava meio mundo”, “tinha mais saúde”, “era mais alegre”, “a comida era melhor”. Ferrari (2010) levanta uma hipótese interessante sobre esses discursos aparentemente contraditórios que revelam muito sobre a cosmologia Calon - aproveitando

19 Encontrei depoimentos bem semelhantes entre os Calon em relação a não adoecer na época de “andança”, tanto em Carneiros quanto em Penedo/AL ouvi discursos semelhantes. Ferrari (2010) também menciona essas declarações entre os Calon com os quais fez sua pesquisa de campo em São Paulo e se referiu a discursos semelhantes apontados por Goldfarb em sua dissertação de mestrado entre os Calon em Souza/PB.

também para fazer uma crítica sobre a noção de “nomadismo”, empregada sem levar em conta uma análise das categorias nativas:

O “parado” cria a imagem de um mundo podre, abafado, doente. É um imaginário forte, que permanece presente, mesmo para aqueles que estão *morando*. Não é o movimento em si que caracteriza os calon, mas a relação que constroem de recusa da terra. “Parados” ou em “movimento”, a cosmologia que nega uma identificação com a terra está igualmente presente [...]. Contudo, a perspectiva fixa e exterior gadje só reconhece o sinal diacrítico do movimento, chamando-o de “nomadismo”, tomando o “parado” por sedentarismo e perda cultural. (FERRARI, 2010, p. 267).

A autora entende que o movimento Calon é, sobretudo, uma recusa em se fixar e, somente nesse sentido, o cigano pode ser definido como “nômade”. Segundo ela, a noção de nomadismo, visando descrever a relação do cigano com a terra, só deve ser usada se for reconceitualizada nos termos do que Deleuze e Guattari (1980) chamam de “desterritorialização”, visto que ele não cria uma relação com a terra, de propriedade, de pertencimento: “[...] andando ou morando, sua relação com a terra não muda, pois, o movimento para eles não é relativo, mas absoluto. Levam-no dentro de si, mesmo que parados” (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 267).

Ela também faz uma observação interessante ao demonstrar a recusa do Calon em se territorializar. Ao mesmo tempo, mostra sua relação com o Estado brasileiro. Ora, sabemos que o não cigano, o jurin, o gadje, enfim, o “outro”, também é chamado pelos Calon como “brasileiro”. Tomando essa informação, a autora ressalta:

O brasileiro é o “outro” por excelência. Esse “outro” se define por sua nacionalidade e por certa relação com um território. A tal nacionalidade, entretanto, os calon não opõem outra nacionalidade como ocorre nas disputas esportivas, por exemplo. Estamos diante de uma oposição entre nação (brasileira) e não-nação. Os calon negam a identificação com um Estado; rejeitam a territorialização.²⁰ (FERRARI, 2010, p. 292).

Luís tem 14 anos e, segundo ele, quase não lembra da época de “andar de animal”:
“Chegamos aqui eu tava pequeno demais [...] o que eu sei é de ouvir os mais velhos contar

20 Pela inclusão em políticas públicas essa noção Calon/Brasileiro está sendo reconstruída e ressignificada.

[...] eu acho que não mudou não... Tamo tá parado aqui e também tá viajando. Eu viajo pra visitar a família, viajo pro rolo... Somos acostumado assim” (Luís, janeiro de 2014).

Para melhor compreender as relações dos ciganos com os territórios onde vivem, no lugar do conceito de *desterritorialização*, considero de maior potencial explicativo o conceito de *território-rede* do geógrafo Rogério Haesbaert (1997; 2004), dado que, compreende a fluidez e descontinuidade presentes nos fluxos ciganos. Além disso, considera as perspectivas da *multiterritorialidade* e da *identidade territorial*. De acordo com o autor, além do território ser um instrumento de poder político, é também lugar de identidades culturais e territorialidades que cada vez mais nos ajudam a compreender as formas de apropriação dos espaços tanto material quanto simbolicamente.

A fala “andar de animal” sempre é remetida aos dias de hoje: “Hoje viaja de carro, de ônibus. Os ciganos de hoje não sabem o que é andar de animal, não. Tudo é modernidade, hoje. Não andam mais no lombo de cavalo, de jumento. Vão para a pousada” (Batista, janeiro de 2014). A antropóloga Patrícia Goldfarb (2010) analisa os significados desse período para os ciganos que estão “parados” no município de Sousa/PB há mais de 30 anos.

Ela notou as formas de diferenciação social que fazem com que esses grupos ciganos existentes na localidade se vejam e se sintam diferentes em relação aos não ciganos, apesar desse período longo de parada. A autora encontrou na memória do grupo, intimamente ligada ao período “nômade”, um importante elemento para a criação de um “nós coletivo”. Assim, “[...] há um exercício de memória que se relaciona com a necessidade de distinção frente à sociedade envolvente, onde as concepções de tempo (passado/presente) e espaço (viagens/moradia) são fundantes, num exercício de auto definição de sua identidade coletiva” (GOLDFARB, 2010, p. 166). Nesse contexto, a “memória do passado” é uma importante arma na luta dos ciganos pela diferenciação e identificação coletiva, visto que lembrar e esquecer são processos atuais e constantes entre os grupos sociais.

Para a autora, na busca dos elementos constitutivos da “identidade cigana”, o período nômade, e as imagens que circulam em torno dele, possui grande importância, visto que ele é um elemento constante nas definições do “ser cigano”.

Neste sentido, pude evidenciar que, ao falar do passado, há entre os ciganos uma preocupação em demarcar a origem e construir a história do grupo, através do significado simbólico das “viagens”, onde os traços significativos deste passado servem para representar sua identidade cultural num espaço de moradia fixa e, por fim, o posicionamento de cada sujeito frente a sociedade envolvente e ao seu grupo de pertencimento (GOLDFARB, 2010, p. 167).

A autora mostra que esse período é vivenciado e narrado de diferentes formas. Assim, quando o cigano fala desse momento, ele aciona diferentes memórias. Os mais jovens, por exemplo, acionam essa memória a partir do compartilhamento dessas lembranças com os mais velhos, experienciando uma outra forma de viajar.

Denominações como “essa vida” de “andar pelo mundo”, de não ter “paradeiro”, de conviver mudando de lugar denotam uma definição dos ciganos através do nomadismo, bem como o sentimento ou a crença numa origem comum. Entretanto, tais crenças se manifestam sob formas diferentes, de acordo com a experiência de vida e a geração dos indivíduos. (GOLDFARB, 2010, p. 168).

O Calon Luis afirma que a vida não mudou tanto assim, uma vez que, eles ainda viajam. Assim, considero que Luís vivencia uma experiência nova de viagem.

Em Carneiros, referir-se a esse período “nômade” de “andar de animal” é comum quando os ciganos buscam discursos que possuem o objetivo de diferenciá-los dos brasileiros. Contudo, os discursos em torno desse período não são definidores, por si só, dessa “identidade”. Outros elementos também são acionados com esse mesmo objetivo, como a postura da mulher cigana, a relação de afetividade com a família, a noção de vergonha, de respeito e de moral ou o trabalho do homem Calon. Alguns desses “elementos” são mais ou menos utilizados de acordo com o contexto, ou seja, o cigano “escolhe” qual elemento ele dará maior ênfase de acordo com a situação. É importante ressaltar isso para evitar qualquer forma de determinismo na análise de culturas complexas como a cigana.

Como já destacado, o movimento, o deslocamento é como se fosse algo latente nos discursos dos Calon. Eles se veem sujeitos ao deslocamento a qualquer momento. Quais situações podem acontecer na vida Calon que os façam querer “cair no mundo”? Como esses sujeitos interpretam os acontecimentos e quais respostas são dadas? Mesmo

após esses acontecimentos, os grupos continuam mantendo relações entre si e se movimentando, ponto que não se pode desprezar.

“Andar”, mesmo “parados”, é uma potência, dado que a qualquer momento pode acontecer algo que faça com que eles deixem aquele local. Isso fica claro em algumas falas: “[...] a vontade de Maria... Quem pode com Maria? Se ela deu a ordem, nós tem que seguir”; “[...] quem pode com Deus? Se for a vontade de Deus, a gente vai, nós segue” e “[...] se cigano fizer mal feito...”. Deste modo, a pesquisa me fez perceber que os Calon estão “parados” na cidade de Carneiros, mas dispostos a deixá-la a qualquer momento.

O fluxo de parentes indo e vindo do rancho é muito intenso. A cada nova visita que faço ao acampamento, encontro novos parentes que “vieram visitar”, “passar uns tempos”. Às vezes esses “poucos dias de visita” podem virar meses: “[...] a gente veio de visita e vamos ficando...”, contou Rafaele, prima de Sielma que vive na Bahia. Quando perguntei se ela pretendia ficar, ela respondeu: “Quando todo mundo decidir ir, vai tudo junto [referindo-se a sua família nuclear]. A gente mora em Feira de Santana, lá também é nossa família, o pouso é lá...”.

Esses discursos demonstram a ausência de uma relação de “pertencimento” com o espaço específico, que está sujeito a ser abandonado com a chegada de determinados acontecimentos. Isso tem relação direta com o modo Calon de ver e se relacionar com o mundo, como, por exemplo, a morte de um parente, “uma vergonha grande”, “uma briga” e assim por diante. Porém, isso não quer dizer que eles não se apropriem desses espaços, agindo sobre eles e os transformando ao modo de “ser Calon”. Todo espaço, não só o rancho onde estão “parados”, em que “andaram de animal” antes de se fixarem em Carneiros, foi transformado em um espaço Calon para onde eles se deslocam constantemente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentei salientar neste texto, os motivos pelos quais os Calon que vivem em Carneiros se deslocam, se movimentam, visto o fluxo intenso de idas e vindas no rancho.

O senso comum atribui como característica essencial da identidade cigana ser nômade. Os pesquisadores, ciganólogos e antropólogos dedicam seus estudos em entender esse nomadismo e se os ciganos ainda se consideram nômades, mesmo depois das paradas que vêm ocorrendo. Observamos que os próprios ciganos também atribuem para si essa identidade nômade, que os diferencia e os caracteriza em relação aos não ciganos. Embora esse não seja o único elemento utilizado como definidor desses grupos, a maior parte das análises concentra nessa característica o elemento diferenciador na relação ciganos e não ciganos, desconsiderando outros elementos.

A socialização e a trajetória dos povos ditos ciganos foram construídas com base em perseguições e discriminações diversas. Os ciganos se deslocavam para sobreviver e sua constituição como grupo étnico deveu-se, em grande parte, a essa prática de mobilidade que sempre causou estranheza ao não cigano, sedentário, ocidental e “civilizado”. Ela pode ter se tornado um forte elemento em sua estrutura social, vivida no cotidiano e nas relações familiares, dialogando e exercendo influência sobre suas visões de mundo.

O objetivo da pesquisa foi tentar apreender as relações que os Calon que estão em Carneiros mantêm com o espaço, bem como a forma de se apropriarem dele. Além disso, através dessa etnografia, busquei apreender como esses Calon se comportam e veem o mundo e como diferenciam-se da população com a qual convivem há bastante tempo na cidade de Carneiros. Os Calon convivem e estabelecem diversos tipos de relações com os não ciganos: de amizade, de conflito e de negócios. Contudo, acionam elementos que os fazem “diferentes” dessas pessoas. Seu comportamento, sua postura, sua “moral” são diferentes em relação aos não ciganos. Nesse processo, alguns “elementos”, tais como a relação com a família, a não subordinação a um emprego formal, as viagens, o “rolo”, as roupas, o modo de cuidar da casa, o “parecer cigano” são acionados e selecionados nesse processo. Além de revelarem muito sobre “o que é ser Calon”, também mostram como constroem sua relação com o espaço e como se apropriam dele.

Em seus discursos, o rancho é visto como um pouso utilizado para receber os parentes que vão e vêm de alguns municípios do estado da Bahia para Carneiros. Revelam-se prontos a deixá-lo a qualquer momento e apresentam nas entrevistas quais acontecimentos os fariam abandonar o lugar, como busquei mostrar. Tentei entender os

sentidos existentes por trás das viagens e dos constantes deslocamentos desses Calon. Minhas observações no rancho me fizeram concluir que os Calon possuem um modo específico de se relacionar com o espaço, baseado nas relações de afeto entre parentes. Por meio dos deslocamentos, os Calon mantêm o afeto necessário à sua rede de parentes e constroem relações e laços com os não ciganos que possibilitam a manutenção do seu modo de vida. Uma vez que eles se constroem e se apropriam do espaço através das negociações e alianças com um mundo juron.

Com a pesquisa, pude perceber que as praças, os espaços próximos às instituições bancárias e as feiras são também espaços Calon. Os seus deslocamentos constroem essas redes. Deslocar-se não é algo aleatório e sem propósito, como podem julgar os olhos “fixos” do não cigano. Esses trajetos podem revelar muito mais sobre o modo de viver Calon, pois têm um sentido de vida para eles. Assim, considero que os Calon transformaram não só o rancho em Carneiros em um espaço seu, mas todo o caminho que percorrem e estabelecem relações comerciais e de amizade. Tanto em Carneiros, como nas cidades vizinhas.

REFERÊNCIAS

Blog Ouro Branco. **Ouro Branco está na 8ª micro-região de saúde**. Disponível em: <<https://ourobranco.wordpress.com/curiosidades/ouro-branco-esta-na-8%C2%AA-micro-regiao-de-saude/>>. Abril de 2014.

DELEUZE, G; GUATARRI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1980.

FAZITO, Dimitri. **Transnacionalismo e Etnicidade: a construção simbólica do Romanesthàn (nação cigana)**. Belo Horizonte, 2000, 192 f. Dissertação (Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2000.

_____. A identidade cigana e o efeito de "nomeação": deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 49, n.2, p. 689-729, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scieloOrg/php/reference.php?pid=S0034-77012006000200007&c>> Acesso em: 04 jul 2010.

FERRARI, Florência. **Um olhar oblíquo: contribuição para o imaginário ocidental sobre o cigano**. SP, 2002. 264 f. Dissertação de mestrado (mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo (USP), departamento de antropologia social, 2002.

_____. **O mundo Passa:** Uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros. São Paulo, 2010. Tese (Doutoramento em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo. 2010.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Nômades e Peregrinos:** o passado como elemento identitário entre os ciganos calons na cidade de Sousa – PB. Cadernos de Campo, São Paulo, v. 19, n. 19, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade:** a rede gaúcha no Nordeste. Niterói: Eduff, 1997.

_____. **O mito da desterritorialização:** Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: tema, método e objetivo da pesquisa. In: **Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

PORTELA DE MORAIS, L. S. **Veio a ordem de andar:** espaço e família entre os ciganos Calon do município de Carneiros/AL. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) em Antropologia. Universidade Federal de Alagoas (UFAL), 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113 – 148, abril 2002.

Recebido em: 27/04/2018

Aceito para publicação em: 25/09/2018